

O ESPAÇO SOCIOFÍSICO DA ESCOLA COMO FACILITADOR DAS RELAÇÕES NO AMBIENTE ESCOLAR: UM ESTUDO DE PSICOLOGIA AMBIENTAL

THE SOCIO-PHYSICAL SPACE OF THE SCHOOL AS A ENABLER AGENT OF RELATIONS IN THE SCHOOL ENVIRONMENT: A STUDY OF ENVIRONMENTAL PSYCHOLOGY

Roselene Vargas Oliveira

Acadêmica do Curso de
Psicologia, UNESC.
E-mail: rose-
cabeleireira@hotmail.com

**Teresinha Maria
Gonçalves**

Programa de Pós-
Graduação em Ciências
Ambientais, UNESC. E-mail:
tmg@unesc.net

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivos analisar a relação aluno-ambiente; identificar o processo de apropriação do espaço escolar; investigar a percepção dos alunos referente ao ambiente da sala e dos espaços livres. O método utilizado foi o estudo de caso e as técnicas de coleta de dados deram-se por meio de entrevistas semiestruturadas com crianças do ensino fundamental, de 6 a 11 anos, e por meio de registro fotográfico. Os alunos foram convidados a fotografar seu local preferido e, posteriormente, a construir uma narrativa sobre as imagens por eles produzidas. Os dados foram observados tendo como instrumentos de análise conceitos chave do marco teórico, tanto para a fala das crianças entrevistadas como para a análise das fotografias. Os resultados mostraram que as crianças se apropriam mais dos espaços livres da escola, como o pátio, a quadra de esportes e o refeitório. Foi constatado, também, que a escola é uma referência importante na vida das crianças por sentirem-se protegidas e amparadas e, principalmente, por fazerem amigos. Cabe salientar que a maioria das crianças abordadas na pesquisa está em situação de vulnerabilidade social. O ambiente da escola seria então o ambiente positivo, uma referência agregadora do afeto e da amizade, o que contribui grandemente com o processo de construção da identidade.

Palavras-chave: Relação sujeito-espaço; Psicologia Ambiental; Apropriação do espaço

ABSTRACT

This research aims to analyze the student-environment relationship, to identify the school space appropriation process; investigate students' perceptions regarding the environment of the room and free spaces. The method used was the case study and the data collection techniques through semi-structured interviews with primary school children from 6 to 11 years old, and photography. The students were invited to photograph their preferred location and later to construct a narrative about images produced by them. The data were analyzed having as instruments of analysis key concepts of the theoretical framework, both for the speech of the interviewed children and for the analysis of the photographs. The results showed that children appropriates more of the school's open spaces such as a playground, sports court and cafeteria. It was also noted that school is an important reference in the life of children because they feel protecte and especially because they make friends. It should be noted that the majority of children addressed in the research are in a situation of social vulnerability. The school environment would then be the positive environment an aggregating reference of affection and friendship which contributes greatly to the process of identity construction.

Keywords: Subject-space relation; Environmental Psychology; Space appropriation

INTRODUÇÃO

O interesse em Psicologia Ambiental como uma abordagem que estuda o ambiente sociofísico, com foco no contexto escolar, se justifica por ser uma disciplina de conhecimento da contemporaneidade, preocupando-se com o espaço físico e com as relações que acontecem nesse ambiente, favorecendo ou não as relações interpessoais.

A motivação para esta pesquisa deu-se a partir do desejo de compreensão deste campo, a partir da disciplina de Psicologia Ambiental, bem como a partir das observações feitas durante o estágio na escola, com um olhar para a prevenção de futuras dificuldades no desenvolvimento social, afetivo e psicológico das crianças. Após o término do estágio, mantive contato com a escola, visualizando as significativas mudanças feitas e as que estão ainda sendo realizadas para motivar os alunos por meio de melhorias no espaço físico e, com isso, possibilitar amizades, atividades em geral, para as quais sempre se salienta a preferência pelos locais ao ar livre.

Há muito tempo, segundo Pol (1996), a psicologia esteve afastada das questões relacionadas ao ambiente físico, esquecendo que é no espaço físico-territorial onde ocorrem as relações sociais e interpessoais. O ambiente físico influencia o comportamento, conforme assinala Gonçalves (2007). A composição dos ambientes construídos e a forma como é organizado o espaço podem fazer com que um ambiente seja agradável e facilitador dessas relações; de maneira contrária, esse espaço pode apresentar-se como um ambiente hostil, opressor e angustiante.

Conhecer o ambiente sociofísico da escola é uma preocupação da pesquisadora que, como futura psicóloga, preocupa-se com o ambiente onde as crianças passam grande parte de sua infância e adolescência. Ambientes acanhados, desinteressantes, sombrios, sem atrativos ou estímulos podem se constituir em ambientes não saudáveis.

Segundo Sager *et al.* (2003), a escola com pequenos espaços pode favorecer a interação não saudável, fomentando atritos. Dessa forma, verifica-se a importância de um espaço físico mais planejado e amplo, com possibilidade de produzir autonomia, criatividade e interação. Ao apresentar maior variedade de opções de brincadeiras e poucos brinquedos, tem-se um resultado significativo no que diz respeito à mudança de comportamento. Isso se dá a partir de mais interação em um primeiro momento, entretanto, em um espaço compacto, há maiores possibilidades de conflitos entre as crianças.

Martins e Gonçalves (2014) salientam que a escola tem como função e possibilidade a promoção de condições a partir de estímulos às capacidades físicas e habilidades motoras, dessa forma, deveria fornecer condições para que as habilidades citadas fossem estimuladas e, ainda, propiciar a formação de valores éticos e sociais. Podem, assim, engendrar uma análise que vise não

somente os espaços externos, mas os internos, nos quais a criança está inserida, como o pátio da escola, espaço utilitário, pois todos esses compõem o espaço utilizado em seu dia a dia.

São espaços negativos as salas que apresentam ambiente desinteressante, carteiras enfileiradas, pouca iluminação, com muitos alunos, favorecendo a falta de interação entre as crianças. A disposição das carteiras não possibilita o contato do professor e do aluno, o fato do planejamento ambiental não ser organizado com os principais usuários do ambiente, os alunos, também desfavorece o contexto de ensino-aprendizagem. Prédios e instalações inadequadas, a inexistência de bibliotecas ou carência de leituras atrativas, poucos espaços esportivos e laboratórios, a falta de acesso a livros didáticos, materiais de leitura, a relação inadequada entre o tamanho da sala de aula e o número de alunos também são problemas que influenciam diretamente no desempenho dos alunos.

Sager *et al.* (2003) analisam que, os espaços deveriam ser construídos e organizados levando-se em conta as referências do local. Dessa forma, os alunos sentem-se excluídos do trabalho de organização do espaço, o que acarreta uma maior dificuldade no processo de apropriação, principalmente no que diz respeito ao sentimento de pertencimento, pontos muito importantes para a análise, a partir da Psicologia Ambiental. Da mesma forma, os autores citam que os comportamentos se modificam em ambientes muito pequenos, o que pode ser observado a partir das interações em um espaço maior no período de intervalo das aulas. A disposição de oportunidades de interação no espaço favorece o isolamento ou as interações, sendo que a escola é um ambiente onde as crianças passam a maior parte da infância e adolescência, portanto, a pesquisa em Psicologia Ambiental se interessa por analisar as relações nesses espaços, que configuram um terreno fértil para relacionar a pesquisa com a observação prática.

Pol (1996) salienta que a escola já se utiliza da apropriação do espaço sem se dar conta, no momento em que as crianças podem se ver projetadas ali e seus desenhos e trabalhos fazem parte da decoração do ambiente. O autor ressalta que os objetivos dessa apropriação são compostos por dois fatores: o psicológico e o pedagógico, sendo que o psicológico reforça a autoimagem frente a si e aos demais e o pedagógico desenvolve o social e o comunitário a partir da criação.

Gonçalves (2007) diz que o sujeito e a comunidade vão transformando o espaço, deixando suas marcas ou as suas estampas e o incorporam a seus processos humanos, e isso envolve a cognição, a afetividade, a estética e a linguagem simbólica. Esses espaços irão adquirir características da comunidade que vive no seu entorno.

Nesse mesmo espaço, poderão ser desenvolvidos outros sentimentos. Tuan (2005), em sua obra “*Paisagens do medo*”, apresenta de que forma o espaço pode vir a desenvolver o medo. Esse medo se desenvolve nos primeiros meses de vida da criança, em pequenos espaços de tempo nos quais ela se sente separada do contato com sua mãe. Porém, ao decorrer do desenvolvimento,

acontecimentos relacionados ao ambiente podem vir a produzir o medo, como ruídos, falta de iluminação, quando sua percepção visual é afetada e provoca-se desconforto.

Nessa fase de desenvolvimento do bebê, em uma relação simbiótica com o ambiente, ele ainda não consegue discernir os conhecidos de desconhecidos, o que gera, então, o medo. Inicialmente, na descoberta do mundo, quando há a maturação ideal para começar a locomover-se, a criança se depara com o novo, que pode vir a ser perigoso. Entretanto, naquele momento, o sentimento de temor não está tão claro. Conforme o tempo passa, esse sentimento de medo aumenta. Da mesma forma, o medo do escuro produz uma sensação de isolamento e desorientação: pela não visualização do espaço. a mente livre produz imagens e seus temores (TUAN, 2005).

Portanto é possível tecer uma análise a partir das interações futuras no espaço escolar, questões que podem ser problematizadas para compreender esse contexto: De que forma o professor pode passar ao aluno o temor pela sua presença? Por que as provas produzem um temor nas crianças? Como será o acesso à sala de aula?

Gonçalves (2018) nos traz que a psicologia ambiental pode responder a essas questões. Em sua tese, a autora aponta que o espaço da sala de aula deve ser acolhedor e agradável para as pessoas que estão nele, desde a disposição dos móveis em um formato de círculo, a fim de possibilitar a interação e promover a autonomia, e não mais no formato enfileirado, com o professor à frente se portando como o dono do saber. Sentir pertencente ao lugar é uma demonstração de que este não amedronta, mas para que isso aconteça o espaço precisa ser apropriado.

Esse espaço amedrontador como Tuan (2005) destaca em *Paisagens do medo* dará lugar a um espaço de esperança, que o autor David Harvey (2006) traz em sua obra "*Espaços de esperança*". A identidade do lugar se forma com o decorrer da apropriação do espaço. Essa identidade se compreende com o sentir e, ao modificar um espaço, associam-se a ele características físicas, sociais, psíquicas e culturais. No momento em que o sujeito se apropria de um lugar, e com o passar do tempo deixa sua marca e o transforma, colocando objetos com os quais se identifica, tem início o processo de reapropriação (GONÇALVES, 2007).

A maneira como cada indivíduo se apropria do lugar se dá de forma subjetiva (experiência internalizada), trazendo modelos culturais, sociais, estilo de vida dentre outros. A complexidade da apropriação reside em analisar dois aspectos essenciais: o comportamento e ação transformadora e a identidade simbólica. A identidade aqui é levada ao espaço em que esse indivíduo terá acesso aos processos de afeto, cognição e interação com o meio (GONÇALVES, 2007).

A partir da inserção do indivíduo em um espaço, o significado desse passa a ter relevância no que tange a sua identidade, visto que ele irá se sentir parte desse local e, portanto, estabelecerá

identificação, possibilitando a troca de ideias, o compartilhamento de valores e objetivos, dada toda a complexidade da subjetividade humana e da interação sócio espacial (GONCALVES, 2007).

Esta pesquisa motivou o interesse de estudar a Escola de Educação Básica Ignácio Stakowski, pois a acadêmica realizou estágio escolar, durante o qual percebeu que os alunos não possuíam uma apropriação dos espaços da sala de aula. Essa apropriação era mais voltada para os espaços coletivos. Foi por meio da disciplina de Psicologia Ambiental, trazendo a importância desses conceitos da área, que a autora constatou a relevância desta pesquisa aplicada à escola em questão.

A escola apresentava salas com pouco espaço, pois existiam armários antigos cheios de livros. No início desse semestre, após realização de eleições, já com nova gestão, a escola vem sendo alvo de grandes mudanças, com vista a melhorar o espaço físico, e essas mudanças vêm a contemplar este trabalho.

METODOLOGIA

A pesquisa se caracteriza como qualitativa, na modalidade investigativa, no sentido de descobrir novos dados sobre o tema, utilizando dados primários, por meio da pesquisa de campo, e dados secundários por meio de bibliometria. Conforme aponta Gerhardt e Silveira (2009, p. 32):

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.

O coletivo da pesquisa foi de 16 alunos do ensino fundamental do 1º ao 5º ano, distribuídos em 5 salas de aula, contendo em média 30 alunos por sala. Ao contrário do método estatístico, a representatividade da amostra na pesquisa qualitativa é mais pertinente, em consonância com o coletivo da pesquisa, sendo assim, a representatividade se dá por outros critérios.

A população no contexto desta pesquisa é constituída pelos 150 alunos do 1º a 5º ano da E. E. B. Ignácio Stakowski, situada na cidade de Içara/SC. Dessa população, foi extraída a amostra ou coletivo da pesquisa.

A determinação do número de alunos que compõem o coletivo da pesquisa se justifica pela homogeneidade da população, ou seja: idade, classe social, moradores da comunidade.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi enviado aos pais ou responsáveis. Após o retorno do TCLE com a assinatura autorizando a participação da criança na pesquisa, foi dado início ao processo de entrevistas.

Os sujeitos alvo desta pesquisa são alunos e a amostra da pesquisa é composta por 16 deles. Inicialmente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os alunos. O passo seguinte foi o

fornecimento, pela pesquisadora, de uma máquina fotográfica digital aos alunos, com o intuito de solicitar a eles que tirassem uma fotografia do local preferido na escola.

Os critérios de inclusão são: alunos do 1º ao 5º ano, idades entre 6 e 11 anos. Os dados foram organizados em planilha, por frequência dos temas trazidos pelos entrevistados durante a entrevista e, em seguida, foram analisados por meio de conceitos chave constantes no marco teórico. Esta pesquisa seguiu os preceitos do comitê de ética em pesquisa com humanos da Unesc, na *Plataforma Brasil*.

A coleta de dados se deu por meio de duas ferramentas de pesquisa: entrevista semiestruturada e inventário fotográfico do espaço escolar. Os dados secundários foram pesquisados em banco de dados referentes ao tema e busca de artigos científicos por temas em banco de dados como Scielo, BDTI, entre outros.

Das dificuldades encontradas, a princípio, a principal foi conseguir que os pais assinassem o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), pois alguns dos alunos passam o dia na escola, outros tem pais que chegam somente à noite e eles ficam sozinhos e, quando os pais chegam, já estão dormindo. Esses responsáveis acabam não vendo o que a escola mandou e, muitas vezes, chegam no dia seguinte sem ao menos terem realizado as atividades para casa. Existem poucas pesquisas relacionadas ao tema. Os conceitos complexos da Psicologia Ambiental acabaram por nos exigir muito esforço, necessitando muito estudo para apropriar-nos da própria teoria da Psicologia Ambiental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As respostas às perguntas da pesquisa nos oferecem dados entre os quais se verificou o espaço em si, os elementos utilitários, como sala de aula, quadra de esportes, bancos de pedra, elementos do ambiente, barrancos, visão para a rua, e os elementos humanos: amigos e professores. Constatou-se que, no ambiente da escola, verifica-se uma preferência pelos espaços livres, nos quais os alunos se encontram com os demais colegas e acabam fazendo novas amizades.

A tese da Psicologia Ambiental é de que o espaço sociofísico da escola é condição para o desenvolvimento da criação e do processo motivacional. Esse aspecto não é percebido na sala de aula, pois essa não apresenta tal condição, uma vez que não foi construída com base na análise das necessidades dos alunos, tanto nos aspectos funcionais, como iluminação, disposição de móveis, etc. como no aspecto psicossocial.

Foi observado, a partir das respostas dos alunos, que o sentimento de pertença se expressa nos ambientes fora de sala de aula, nos espaços externos, onde se percebe a interação de amigos. Por meio da disponibilização de uma máquina digital, os alunos tiveram acesso para fotografar seus locais

preferidos e boa parte deles (50%), destacou a quadra de esportes, local livre e propício à interação, visto que observou-se, na fala das crianças, a presença de uma carência de ambiente afetivo na família. Os sujeitos possuem famílias não participativas na vida escolar, pois seus pais não costumam ir à escola. A grande maioria vive com o pai ou mãe com um segundo ou terceiro relacionamento, ou moram com avós, ou perderam um dos pais por falecimento, e buscam na escola um reforço positivo para superar a falta de afeto, a falta de participação.

Todas as fotografias foram tiradas pelos alunos, os locais foram escolhidos por eles e pela direção, no entanto as crianças tiveram total autonomia para realizar o ato de fotografar.

Figura 1 – Quadra de esportes



Fonte: Oliveira (2018).

Percebe-se que as crianças têm uma autoestima baixa, devido à falta de elogios, de participação de sua família, carência de afeto, aprovação e reconhecimento que vai afetar na autoimagem. A carência afetiva faz com que as crianças busquem na escola o contato com outras crianças e professores. Sob esse ponto de vista, constata-se que há uma apropriação da escola, a qual acaba suprimindo uma necessidade das crianças que não encontram resposta no ambiente familiar.

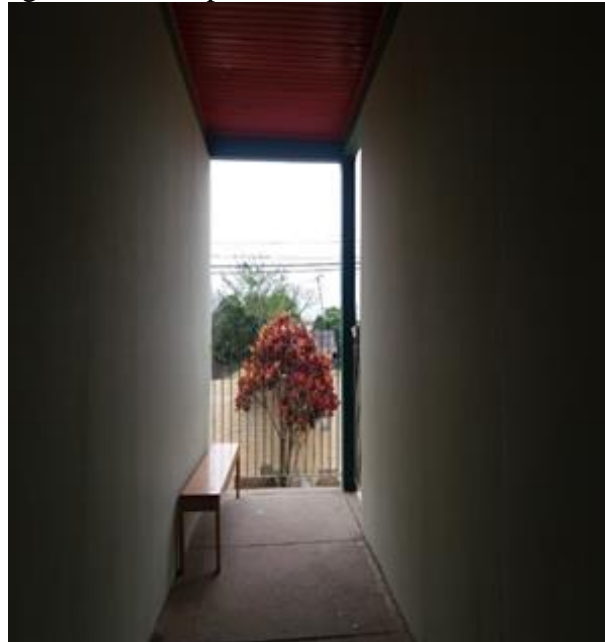
As famílias não são participativas nas atividades da escola, outrossim, a escola oferece suporte sociofísico, pois as amizades que fazem na escola e as atividades realizadas, acabam fazendo com que esta criança sinta-se importante nesse espaço e a escola acaba desempenhando um papel de suprir a carência da família, tão importante para a sua autoimagem.

A escola exerce o importante papel de ajudar o aluno a se construir como sujeito, e a escola pesquisada passa por um período de transição em que está sendo implantada uma série de mudanças, devido à posse da nova direção. De acordo com o marco teórico, percebe-se que a escola está

reformulando seu espaço, tirando muitos móveis antigos, o que virá a favorecer que as crianças tenham mais espaço livre, para que se identifiquem e contribua para o processo de construção da subjetividade, para o ato de construir-se como sujeito, a partir da apresentação de elementos positivos relacionados ao ambiente escolar.

Além de se preocupar com o ensino, o processo de subjetividade da construção do sujeito é observado. De acordo com a Psicologia Ambiental, como o espaço é organizado vai ajudar ou não o desenvolvimento da criança no processo de ensino.

Figura 2 – A expressão da dimensão simbólica



Fonte: Oliveira (2018).

Numa interpretação à luz da Psicologia, podemos inferir que a criança autora da fotografia da Figura 2 acessou a dimensão simbólica. A árvore colorida pelo vermelho do outono acionou a dimensão estética de sua subjetividade, ou seja, a dimensão de transcendência. A criança projeta-se numa perspectiva de luz e cor que ilumina o corredor sombrio.

Quanto à vida social das crianças, em sua grande maioria, é a escola que oferta: há gincanas, atividades físicas, festas realizadas na escola. Nota-se, pois, que em uma fotografia, um menino chama de “refeitório” um espaço que serve para atividades gerais, o qual também dispõe de mesas para alimentação das crianças.

Figura 3 – Refeitório



Fonte: Oliveira (2018).

Quando as crianças afirmam que gostam da escola, isso indica uma identificação com a escola, que são pertencentes a ela. A identidade do lugar é a forma como se constitui a cognição sobre o mundo físico, em que a subjetividade do sujeito se coloca.

Segundo Ponte, Bomfim e Pascual (2009, p. 351):

Conceituaram identidade de lugar como uma subestrutura da identidade pessoal constituída por cognições sobre o mundo físico em que a individualidade habita. Tais cognições representam memórias, ideias, valores, sentimentos, atitudes, significados e concepções de comportamento e experiência, os quais estão relacionados com a variedade e complexidade dos lugares físicos que definem a existência cotidiana de cada ser humano. Nesta perspectiva, a identidade de lugar deve ser compreendida como uma construção pessoal, onde as experiências diretas com o ambiente físico a modificam. Por sua vez, essas experiências são transformadas pelos processos cognitivos.

A identificação dos alunos se caracterizou por ambientes externos e não pela sala de aula, pois nos ambientes externos eles fazem amizades e têm contato para atividades diversas.

Quando se pede para os alunos fotografarem os espaços preferidos, tem-se uma variedade de locais, dentre eles: quadra de esportes da escola, apresentada como uma preferência dos meninos (5) e para algumas das meninas (3), atingindo 50% da preferência total dentre os 16 alunos.

Figura 4 – Quadra de esportes



Fonte: Oliveira (2018).

A quadra de esportes é seguida pelo refeitório como espaço preferido de um (1) aluno, sendo que esse local serve para várias atividades, visto que a escola não possui um espaço específico de refeitório. Esse menino deseja ter refeitório na escola e considera este espaço como sendo um, pois, na hora do almoço, o local é organizado para essa finalidade. Após a refeição, o ambiente é organizado conforme a necessidade local para reuniões, apresentações de palestras, teatros entre outros.

Figura 5 – Refeitório



Fonte: Oliveira (2018).

O A vida social das crianças, em sua grande maioria, é a escola que oferta, há gincanas, atividades físicas, festas realizadas na escola. Pois, em uma foto o menino chama de refeitório um espaço que serve para atividades gerais, também sendo utilizado com mesas para que seja como o local para e para realizar sua alimentação. Nesse momento dá-se uma interação entre as crianças e percebe-se uma alegria em compartilhar juntos a comida

Somente uma aluna menina escolheu sua classe como local preferido, pois suas melhores amigas sentam-se ao lado dela e essa se sente protegida, pois passa por um momento de luto pela perda de um familiar.

Figura 6 – Sala de aula



Fonte: Oliveira (2018).

Muitos demonstraram interesse pelos barrancos da escola e salientam esses como “sentimento de liberdade”, “aventura”, nos quais sobem e descem correndo em direção à quadra, com a sensação de que vai cair na chegada, ato que realiza com notável satisfação, caracterizando-se em atitude de bem-estar.

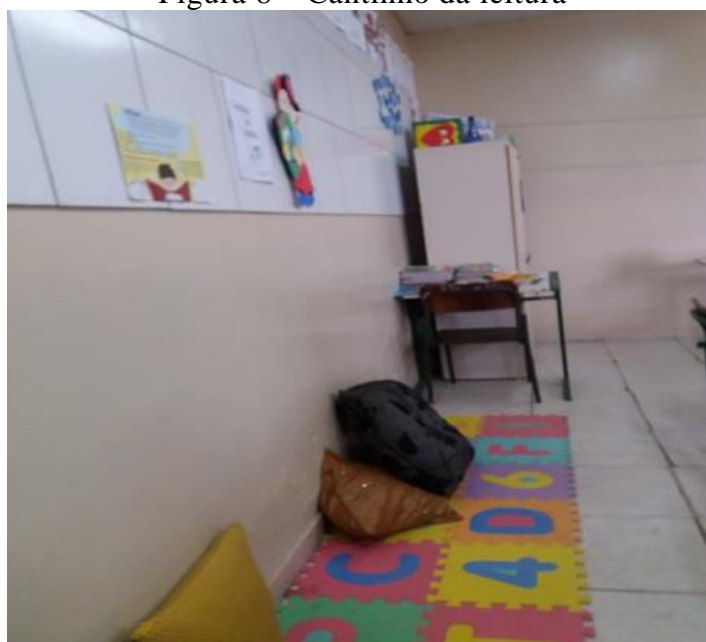
Figura 7 – Barrancos



Fonte: Oliveira (2018).

Segue-se uma menina (1) que afirma que seu espaço preferido é a sala de leitura, espaço no final da sala, organizado com material colorido, tapete de E.V.A, onde ficam dispostos livros em um armário, oferecidos para leitura.

Figura 8 – Cantinho da leitura



Fonte: Oliveira (2018).

Outra menina escolheu a sala de brinquedos, um espaço que está com poucos brinquedos, pois, anteriormente, era uma sala de aula e agora o espaço passa por uma mudança para acolher as crianças para poderem brincar nos horários de atividades mais lúdicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal contribuição desta pesquisa está na perspectiva de analisar o espaço escolar para além da análise do currículo. A confiabilidade da pesquisa se dá pelo sigilo mantido dos dados e pela condução da metodologia. Nessa análise, foram detectados problemas sociais como famílias carentes não somente de recursos financeiros, mas também de uma estrutura familiar que dê suporte ao pleno desenvolvimento do aluno como sujeito social. Isso remete que o compromisso da escola não é apenas de cumprir um planejamento pedagógico, mas também seu compromisso social de formar cidadãos e contribuir com o processo de subjetivação, no sentido formar sujeitos de subjetividade integrada nas dimensões cognitiva, afetiva, simbólica e estética.

A pesquisa nos ajudou a ter uma melhor compreensão entre a teoria e a prática e a valorizar ainda mais a Psicologia Ambiental.

O que não percebíamos durante o estágio ficou mais claro. A escola acaba tendo uma diversidade de funções e papéis sociais. A Psicologia Ambiental nos fez ver como o ambiente influencia na vida das pessoas e como há carências que podem ser amenizadas no ambiente da escola.

A escola vai além de ensinar letras e ciências, seu papel é também o de ajudar no desenvolvimento emocional dessas crianças, e social, visto que, com um ambiente adequado, a escola proporciona à criança se construir como sujeito de uma forma mais integrada e mais saudável. O papel social não está somente relacionado à ida dos responsáveis ou participações em associações dentro da escola. O papel da inserção social da criança, que foi apreendido nesta pesquisa, se dá pela constatação a que a escola serve como referência física, emocional e relacional das crianças.

A grande contribuição da pesquisa é, portanto, a contribuição para repensar o espaço socioambiental da escola e o papel social que a mesma exerce como agregadora de relações saudáveis em contextos de grandes vulnerabilidades sociais.

REFERÊNCIAS

- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 120 p.: il. (Série Educação a Distância). Disponível em: <http://bit.ly/2OgthZL>. Acesso em: 25 jul. 2019.
- GONÇALVES, M. T. **O processo de apropriação do espaço na cidade de Criciúma-SC**. Relatório do GIPMAUR. Criciúma, SC: Unesc, 2018.
- GONÇALVES, T. M. **Cidade e poética: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano**. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2007.
- HARVEY, D. **Espaços de esperança**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2004.
- MARTINS, R. J.; GONÇALVES, T. M. Apropriação do espaço na pré-escola segundo a psicologia ambiental. **Psicologia & Sociedade**, n. 26, v. 3, 2014, p. 622- 631. Disponível em: <http://bit.ly/2Y2g4YZ>. Acesso em: 25 jul. 2019.

- POL, E. La apropiación del espacio. *In*: ÍÑIGUEZ, L.; POL, E. (orgs.), **Cognición, representación y apropiación del espacio**. Colección Monografies Psico-Socio-Ambientals, v. 9, p. 45-62. Barcelona: Publications de la Unmiversitat de Barcelona, 1996.
- PONTE, A. Q.; BOMFIM, Z. Á. C.; PASCUAL, J. G. Considerações teóricas sobre identidade de lugar à luz da abordagem histórico-cultural. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 27, n. 59, p. 345-354, out./dez. 2009. Disponível em: <http://bit.ly/2YfdbiQ>. Acesso em: 25 jul. 2019.
- SAGER, F.; SPERB, T. M.; ROAZZI, A.; MARTINS, F. M. Avaliação da interação de crianças em pátios de escolas infantis: uma abordagem da Psicologia Ambiental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, n. 16, v. 1, 2003, p. 203-215. Disponível em: <http://bit.ly/2LGakst>. Acesso em: 25 jul. 2019.
- TUAN, Y. F. **Paisagens do medo**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Unesp, 2005.